

## DESCONSTRUÇÃO DOS CONTOS DE FADAS ATRAVÉS DA OBRA *O MENINO QUE SE ALIMENTAVA DE PESADELOS*

Liriana Santos Ferreira da Silva<sup>1</sup>  
Vitória Taísa Bertoldo de Oliveira<sup>2</sup>

### RESUMO

Nos contos de fadas tradicionais são recorrentes cenas felizes e heroicas dos personagens principais, enquanto os demais sentimentos e outras atitudes, que vão contra esse estereótipo perfeito das narrativas, são desvalorizados. Com base nisso, a presente pesquisa tem o objetivo de analisar as desconstruções dos personagens dos contos infantis, a partir do livro *O menino que se alimentava de pesadelos*, escrito por Jo Yong e publicado pela editora Intrínseca em 2021. Para tal foco investigativo, será analisado o personagem principal, que sofre vários traumas e recorre a uma bruxa para se livrar de tais pesadelos que o atormentam. Nesse sentido, essa pesquisa será construída através das contribuições teóricas presentes nos textos de Cadermatori (1995), Arroyo (1968) entre outros, tendo como base os procedimentos bibliográficos.

**Palavras-chave:** O menino que se alimentava de pesadelos, Contos de fadas, Desconstruções.

### INTRODUÇÃO

Mundialmente estabelecidos no imaginário das pessoas, os contos de fadas se estabeleceram enquanto padrão de histórias ao longo do tempo. Muitos são, conseqüentemente, os estereótipos homogêneos encontrados em histórias que estejam vinculadas a esse universo. Ademais, esses padrões são perpassados por diversas produções, mídias e artes, desde livros, filmes, séries, animações, e etc.

Com base na repetição desses estereótipos, as obras que englobam os contos de fadas trazem diversos aspectos como ambientação, trama, construção de personagens, modos de escrita e narração que são empregados ao longo de distintas histórias. Essas características fazem com que os contos de fadas sejam facilmente reconhecidos e identificados, de modo a serem enraizados no imaginário social.

Apesar disso, é igualmente perceptível a desconstrução desses padrões nos contos de fadas, principalmente nas produções contemporâneas. Diversas discussões em torno dessa

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [lirianasantos2@gmail.com](mailto:lirianasantos2@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [viotoriataisa17@gmail.com](mailto:viotoriataisa17@gmail.com).

problemática fazem surgir distintas obras que se opõem aos padrões comumente disseminados. Assim sendo, muitas obras rompem com a repetição tão empregada de modo a apresentar novas perspectivas e reconstruções para os contos de fadas.

Mesmo sendo algo já muito presente na sociedade, principalmente na literatura, os contos de fadas continuam sendo cada vez mais produzidos. Logo, acompanhar essas novas construções e, em suma, as desconstruções derivadas das constantes atualizações, faz-se importante para mapear o desenrolar de novas histórias e novas obras, bem como o modo como estas se conectam com o universo infante e juvenil, um dos mais permeados pelos contos de fadas.

Levando em consideração essas observações, o presente trabalho objetiva analisar as desconstruções dos estereótipos dos contos de fadas na obra *O menino que se alimentava de pesadelos*, escrita em 2021 por Jo Young e ilustrada por Jam San. Nessa direção, pretende-se analisar como a narrativa infantil se encaixa nos padrões comumente relacionados aos contos de fadas e quais elementos fogem à isso e, conseqüentemente, formulam uma desconstrução. Por fim, pretende-se observar como o livro se relaciona com o universo literário infantil.

Deste modo, a obra *O menino que se alimentava de pesadelos* (2021) apresenta, ao mesmo tempo, uma relação de repetição e de inovação quanto aos estereótipos dos contos de fadas. Essa dualidade é sinalizada pelos elementos visuais e verbais presentes na obra. A desconstrução mais perceptível é vista, principalmente, pela figura do protagonista masculino e o modo como ele é construído na história, sendo também o ponto de maior conexão com o universo infantil.

## **METODOLOGIA**

A análise da obra *O menino que se alimentava de pesadelos* (2021) será feita a partir da relação da narrativa com as teorias da área, se constituindo enquanto uma pesquisa bibliográfica e de caráter qualitativo. A pesquisa bibliográfica se caracteriza, segundo Lakatos e Marconi (1992, p. 43), enquanto “(...) um levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita”. As autoras complementam que o intuito é colocar o pesquisador em contato com o que já há de estabelecido na área teórica.

A partir disso, este trabalho pretende traçar um levantamento das teorias acerca da literatura infantojuvenil e dos estudos sobre os contos de fadas. Em seguida, complementar com a análise do livro em questão. A obra será analisada com base em seu caráter literário, de

modo a destacar tanto os aspectos verbais quanto os semióticos e como estes se combinam na construção de sentidos.

## LITERATURA INFANTOJUVENIL: O DIÁLOGO ENTRE OS LIVROS E AS CRIANÇAS

A literatura infantil e juvenil, em relação às teorias e definições, continua se constituindo enquanto um campo aberto e amplo de discussões. Por muito tempo, não existiu a concepção do termo criança, sendo esta tratada como uma miniatura, visão adotada através dos comportamentos, das leituras clássicas e da percepção dos adultos. Deste modo, o que distingue a literatura adulta da infantil é o endereçamento do texto ao leitor, pois possuem elementos essenciais nesse processo criativo das obras. Contudo, as obras infantis, por serem produzidas por adultos, podem se afastar do universo efetivamente infantil.

Conforme Simões (2013, p. 220), "quando se escreve para crianças, ao contrário, o artista é imediatamente interpretado pelo papel que a obra vai estabelecer no leitor, especificamente o infantil que está no processo de instrução e formação". Entretanto, quanto ao seu processo formativo, a literatura infantil surgiu no século XVII com o propósito de formar os até então denominados de pequenos indivíduos, instruindo com lições de morais, estereótipos que relacionassem o bom e mau, temáticas envolvendo patriotismo, o cívico, histórias sob perspectivas dos adultos, perpassando assim, autoritarismo.

Segundo Lajolo (1988), as representações partem do modo como as pessoas maduras querem que as crianças enxerguem o mundo. E essas concepções são ligadas à inocência, a infância como etapa perfeita e conservadora. Nessa perspectiva, vale ressaltar que:

(...) a criança verdadeira era ilhada, porque tornada alheia aos meios de produção, e comprimida pelos mais velhos, que assim asseguravam seu prestígio e dominação, foi elaborada uma série de atributos, os quais revestiram a qualificação dos pequenos e reproduziram ideologicamente sua diminuição social: a menoridade, a fragilidade física e moral, a imaturidade intelectual e afetiva. É o que leva todo menino, que vivencia diariamente a inferioridade, a querer suplantar essa fase e todo adulto a almejar sua recuperação, após fazê-la passar pelo filtro da idealização. (ZILBERMAN, 1982 p 18-19).

Dessa forma, as características comuns às obras destinadas para as crianças comumente possuíam um teor de fantasia enquanto meios de catequizar o infantil (SIMÕES, 2013). Contudo, atualmente tem-se novas perspectivas para a literatura infantojuvenil.

Para Cademartori (1995), as obras infantis não precisam ser conservadoras, maniqueístas, pelo contrário, necessita-se de livros que respeitem e valorizem o público,

atribuindo conhecimentos nas construções de sentidos através dos diálogos entre os textos verbais e não verbais como essenciais. Nessa direção, Coelho (2000, p 27) ressalta que:

Felizmente para equilibrar a balança há uma produção infantil e juvenil de muito bom nível que conseguiu com rara felicidade, equacionar os dois termos do problema: literatura para divertir, dar prazer, emocionar... e que ao mesmo tempo ensine novos modos de ver o mundo, de viver, pensar, reagir, criar. E principalmente mostrar que é pela invenção da linguagem que essa intencionalidade básica é atingida.

E essa especificidade é construída através da assimetria, das tensões distintas e na relação entre crianças e adultos, manifestando assim, as obras infantis e juvenis. Conforme Filho (2010, p 19):

A existência desse relacionamento intertextual – o diálogo entre textos cria a possibilidade de entender a literatura infantil como sendo aquela que contém em sua manifestação textual espaços, personagens e tempos constantes de outros textos, não somente no que se refere à pararealidade conseguida com a releitura do mundo, mas também à crença de que existe um universo infantil, tendo como sujeitos enunciadorees indivíduos apropriados de um “saber adulto.

Com isso, podemos compreender que para escrever uma boa literatura voltada para o infantil é necessário equilíbrio, ao mesmo tempo que possuam o emprego de questões essenciais para reflexões, temas importantes considerados tabus. Nesse sentido, as obras literárias infantojuvenis devem se relacionar e dialogar diretamente com seu público leitor, contribuindo para a formação e humanização, assim como para uma melhor percepção de si e do universo. Contudo, isso deve acontecer de forma livre e subjetiva, sem forçar as crianças a aderirem a perspectivas pré-selecionadas pelos adultos.

## A ESFERA DOS CONTOS DE FADAS NO IMAGINÁRIO INFANTIL

Na literatura infantil e juvenil os contos de fadas têm uma significação mais perceptível. Enraizados com suas estruturas já tão comuns ao público, os contos de fadas e o universo mágico/fantástico dessas narrativas têm destaque relevante para as crianças. Deste modo, os contos de fadas contribuem em muito para a formação do público infantojuvenil, tendo em vista que “a criança necessita muito particularmente que lhe sejam dadas sugestões em forma simbólica sobre a forma como ela pode lidar com estas questões e crescer a salvo para a maturidade”. (BETTELHEIM, 2002, p. 7)

Esse uso simbólico da linguagem nos contos de fadas permite que as crianças tenham melhores compreensões acerca de si mesmo e do mundo que as cerca. Apesar disso, como

aponta Bettelheim (2002, p.24) “o conto de fadas claramente não se refere ao mundo exterior, embora possa começar de forma bastante realista e ter entrelaçados os traços do cotidiano”. Nesse sentido, a esfera mais desenvolvida nos contos de fadas é a subjetiva, de modo que as obras dialogam diretamente com o interior do público infantil.

Nessa perspectiva, os contos de fadas “(...) deixaram de ser vistos como pura fantasia ou mentira, para serem tratados como portas que se abrem para determinadas verdades humanas”. (COELHO, 1987, p.9). Logo, o que parece à primeira vista uma história apenas fantasiosa, tem muito mais a ser analisado subjetivamente, motivo pelo qual os contos de fadas comumente atraem a atenção de diversos públicos e não apenas do infantil. Ademais, como aponta Coelho (1987, p.11), “a literatura é, sem dúvida, uma das expressões mais significativas dessa ânsia permanente de saber e de domínio sobre a vida, que caracteriza o homem de todas as épocas”.

Quanto à criança, que se encontra em uma fase mais explícita de desenvolvimento e conhecimento do mundo, os contos de fadas são ainda mais importantes nesse processo. Bettelheim (2002, p. 66) destaca que “tendo levado a criança numa viagem a um mundo fabuloso, no final o conto devolve a criança à realidade, da forma mais reasseguradora possível”. Assim, os contos de fadas, com o forte emprego de fantasia, permitem que as crianças formulem significações que lhe são reais. O autor ressalta ainda que:

A criança intuitivamente compreende que, embora estas estórias sejam irreais, não são falsas; que ao mesmo tempo que os fatos narrados não acontecem na vida real, podem ocorrer como uma experiência interna e de desenvolvimento pessoal; que os contos de fadas retratam de forma imaginária e simbólica os passos essenciais do crescimento e da aquisição de uma existência independente. (BETTELHEIM, 2002, p.77).

Levando em conta o histórico da literatura infantil, os contos de fadas, nesse sentido amplo e subjetivo de diálogo com o leitor infantil, tende a se aproximar da visão mais atual das produções literárias que, conforme Arroyo (1989, p.25), são uma realidade específica que “(...) não pode ser confundida com exercícios intelectuais ou pedagógicos estritos, fórmulas de moral ou de pureza gramatical, variáveis em suas vinculações históricas. Deixa-se bem claro o valor fundamental do gosto infantil como único critério de aferição da literatura infantil”.

A partir disso, pode-se compreender que os contos de fadas constituem-se enquanto narrativas que se aproximam dos estados internos da mente por meio do emprego das linguagens simbólica, seja verbal ou visual. Deste modo, “os contos de fadas mostram à criança de que modo ela pode personificar seus desejos destrutivos numa figura, obter satisfações desejadas de outra, identificar-se com uma terceira, ter ligações ideais com uma

quarta, e daí para diante, como requeiram suas necessidades momentâneas” (BETTELHEIM, 2002, p.66). Por esse motivo, se constituem enquanto narrativas que proporcionam leituras singulares às crianças.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### FANTASIA E REALIDADE NA LITERATURA INFANTIL: O MENINO PRESO EM SEUS PRÓPRIOS MEDOS

O livro infantil *O menino que se alimentava de pesadelos* foi escrito no ano de 2021 por Jo Young e ilustrado por Jam San como expansão do universo da série cinematográfica *It's okay to not be okay (Tudo bem não ser normal)*, produzida pela Netflix. O livro, que possui autonomia perante a série, narra a história de um garotinho que é assombrado por pesadelos horríveis e, para tentar resolver esse dilema, vai em busca de uma bruxa, com a qual faz um pacto para que ela apague as lembranças ruins de sua mente, contanto que o mesmo prometa que será um adulto feliz. Mesmo que contenha alguns aspectos que se distanciam dos padrões dos contos de fadas, alguns estereótipos destes são perceptíveis na obra. Isso ocorre pois, como aponta Propp (1984, p.9):

(...) Não é porque nos contos apareçam ou não animais, mas sim porque os contos de magia possuem uma *construção* absolutamente peculiar, que se percebe de imediato e que determina esta categoria mesmo sem tomarmos consciência do fato. Isto explica o duplo aspecto do conto maravilhoso: de um lado, sua extraordinária diversidade, seu caráter variegado; de outro, sua uniformidade, não menos extraordinária, e sua repetibilidade.

A obra começa com a clássica situação inicial, proposta pelos contos de fadas, que faz com que o personagem tenha que se deslocar de sua realidade para resolver algum conflito (PROPP, 1984). Nesse sentido, o personagem se caracteriza enquanto um herói que, tendo em vista uma adversidade, vai em busca de uma solução por si próprio. Entretanto, em um primeiro momento a perspectiva tradicional de herói é rompida ao apresentar-se um personagem inseguro e medroso. Essa desconstrução é perceptível principalmente pelas ilustrações, que apresentam a imagem de um menino sempre perturbado, sobressaltado e encolhido, representado com uma grade refletida em seu rosto, simbolizando sua prisão em seus próprios medos. (Figura 1).



Figura 1. Fonte: *O menino que se alimentava de pesadelos*, 2021.

As ilustrações ao longo da obra fazem-se primordiais para a compreensão da história, visto que complementam intrinsecamente a subjetividade e o sofrimento do personagem. O traço das imagens é caótico e disperso, refletindo o estado de espírito do menino, que mostra-se perdido em relação a si e ao mundo. Esse tom introspectivo da linguagem visual do livro também se reflete na ausência de coloração das imagens, que ajuda a compor uma atmosfera de desespero, indicando que o personagem está preso na sua escuridão interior de modo a não visualizar as cores do mundo. (Figura 2).



Figura 2. Fonte: *O menino que se alimentava de pesadelos*, 2021.

O fato de que o menino está preso em seus próprios medos e pesadelos traz um tom de humanização para o mesmo, que se mostra, por conseguinte, vulnerável aos sentimentos e situações do mundo. O medo do desconhecido e os pesadelos são relativamente comuns ao público infantil, então a obra dialoga diretamente com seus leitores. Isso é comum aos contos

de fadas, que “(...) oferecem figuras nas quais a criança pode externalizar o que se passa na sua mente, de modo controlável” (BETTELHEIM, 2002, p. 66).

Os pesadelos do protagonista se demonstram, inicialmente, constantes, como notório em “todas as noites, lembranças ruins que o menino queria esquecer ressurgiam em seus sonhos e o atormentavam sem parar” (YOUNG, 2021, p.7). O problema com os sonhos ruins causou, conseqüentemente, outro problema para o menino, a insônia. Com medo de dormir “o menino (...) saiu à procura da bruxa que morava nas profundezas da floresta” (YOUNG, 2021, p.10). Em muitos contos de fadas, tem-se a presença de protagonistas que são amaldiçoados por bruxas ou que se encontram ao acaso com uma delas. Contudo, em *O menino que se alimentava de pesadelos* (2021), o personagem vai por vontade própria ao encontro da bruxa.

Cansado de seus pesadelos, o menino propõe que a bruxa apague suas lembranças de modo que ele não tenha mais pesadelos e oferece qualquer coisa em troca. A condição da bruxa foi a de que o garoto se tornasse, dali a vinte anos, um adulto feliz. O protagonista conclui que “se eu não tiver mais pesadelos, tenho certeza que posso ser tão feliz quanto quiser” (YOUNG, 2021 p.12). Caso o trato não fosse realizado, a bruxa voltaria para colher a alma do garoto. Ao passar do tempo, o menino não teve mais pesadelos, mas continuou infeliz, “vagando pelas ruas e passando fome” (YOUNG, 2021, p.13). O menino continuava, portanto, assombrado. (Figura 3).



Figura 3. Fonte: *O menino que se alimentava de pesadelos*, 2021.

O personagem não possui um nome na narrativa, o que lhe atribui um teor generalizador. Isso permite uma maior aproximação com os leitores, visto que poderia ser



qualquer criança com qualquer nome passando por uma situação parecida. Então, tido apenas como “o menino”, o personagem se configura como uma desconstrução dos personagens dos contos de fadas e a narrativa, com uma atmosfera mais sombria de conto de terror, se distancia do que é normalmente abordado em histórias infantis. Isso é perceptível em toda a composição da obra, desde a capa, que simboliza o teor de medo da história. Deste modo, o livro aborda a temática principal de medo sem ser de um modo imaturo demais, mas sim de uma perspectiva mais real, crua e humanizada.

### É PRECISO SABER CRESCER E SUPERAR OS PROBLEMAS: A LIÇÃO FINAL DA BRUXA

A relação da bruxa com o menino é primordial no desenrolar da história. De início, a bruxa é apresentada de forma misteriosa, não se sabe ao certo se seria uma figura boa ou má. Ao mesmo tempo que ela ajuda o menino, ela também se dispõe a colher sua alma no futuro. Quanto à aparência da bruxa, a construção foge ao que se tem como padrão de bruxa, principalmente o que relaciona esta à figura de pessoas velhas. A bruxa em *O menino que se alimentava de pesadelos* (2021) é jovem e também retratada no mesmo estilo de ilustração do menino, apresentando uma vestimenta e um cajado, comuns às representações mais modernas de bruxas. (Figura 4).



Figura 4. Fonte: *O menino que se alimentava de pesadelos*, 2021.

A troca oferecida pela bruxa desperta a curiosidade do leitor quanto à sua personalidade, uma vez que a mesma pede a felicidade do menino como garantia para apagar suas memórias. Isso se configura como mais uma fuga aos padrões dos contos de fadas. Quando a bruxa finalmente volta para cumprir o trato, segue-se a seguinte narrativa: “na noite

de lua de sangue, quando a bruxa finalmente reapareceu para receber o pagamento pelo desejo, o menino gritou com voz cheia de frustração: “Se todas as minhas lembranças ruins foram apagadas, por que não consegui ser feliz?” YOUNG, 2021, p.12). O emprego da lua de sangue, comumente vista como sinal de algo catastrófico ou do fim do mundo, e a ambientação noturna da cena contribuem para a atmosfera sombria construída ao longo da trama. A bruxa responde ao menino:

As lembranças dolorosas de sofrimento... as lembranças de arrependimento... as lembranças de magoar e ser magoado... as lembranças de ser abandonado e rejeitado... Somente aqueles que vivem guardando essas lembranças num cantinho do coração são capazes de se tornarem mais fortes, mais calorosos, mais flexíveis. A felicidade é conquistada justamente por quem age assim. (YOUNG, 2021, p.15).

Deste modo, a bruxa quis ensinar ao menino como conquistar a felicidade. Por mais que não seja especificado quais, o personagem se apresenta com alguém repleto de traumas, marcado por abandonos. Por isso, o mesmo é representado sempre sozinho, mesmo quando muito pequeno. Sua solidão também representa a necessidade que os sujeitos têm de resolver, por vezes, seus problemas por si só, encarando de frente os medos e as lembranças ruins.

Mesmo não dito explicitamente na obra, pode-se considerar que devido aos seus traumas o menino tem que lidar com um processo de depressão que o acompanha até a fase adulta. De certo modo, a bruxa veio enquanto uma figura que manipula o menino em busca da felicidade deste, já que o mesmo não conseguiu enfrentar os problemas que tinha. Isso é perceptível, também, pela ilustração que segue o diálogo, que mostra a bruxa levantando o menino como um fantoche. (Figura 5).



Figura 5. Fonte: *O menino que se alimentava de pesadelos*, 2021.

Tendo colhido a alma do agora adulto, como prometido, o resultado posterior é de que “um broto verde germinou no coração do garoto sem alma. A bruxa plantou com carinho esse broto em seu jardim secreto” (YOUNG, 2021, p.16). A figura da bruxa é, finalmente,

revelada como positiva, uma vez que “no ensolarado jardim da bruxa, havia brotos verdes por todos os lados” (YOUNG, 2021, página). Deste modo, a bruxa e seus brotos verdes simbolizam um renascimento, uma vida nova e, por conseguinte, uma superação dos medos e da depressão.

As palavras finais da bruxa para o garoto são: "portanto, não se esqueça de nada. Não esqueça e supere. Se não conseguir, será apenas uma criança cuja alma não cresce" (YOUNG, 2021, p.14). E a história termina assim, sem felizes para sempre e sem um desfecho efetivamente fechado. O livro *O menino que devorava pesadelos* (2021) mostra, ao fim de tudo, que crescer não é fácil, mas que é necessário. E, para que isso aconteça, é preciso que as pessoas saibam lidar com suas experiências e não tentar esquecê-las. Nesse sentido, trata-se não de se atormentar pelas memórias ruins e os traumas, mas de aceitar que estas fazem parte da vida e que precisam ser superadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *O menino que devorava pesadelos* (2021) possui alguns padrões básicos que permitem identificá-la como conto de fadas, mas busca, ao longo da narrativa, debater e desconstruir esses estereótipos, principalmente pela figura do protagonista. A partir disso, a obra dialoga diretamente com os leitores infantis ao tratar de um tema que lhes é intrínseco, o crescimento. O livro faz isso de uma maneira mais real e humanizada, sem a tendência de menosprezar o entendimento das crianças.

A relação da obra com temas tão profundos, como depressão e traumas, é fundamental para o desenvolvimento das crianças. Além disso, a atmosfera de conto de terror, sob a qual o livro é estruturado, contribui para a composição melancólica que o mesmo aborda acerca da vida. É igualmente importante o fato de que a obra não limita a existência do personagem a isso, mas deixa claro que é possível superar, tanto o medo quanto a depressão.

A vida não é composta apenas de momentos bons e mágicos, mas também de alguns mais difíceis e traumáticos, é essa visão que o livro se propõe a passar para as crianças. Por fim, tem-se a importância que a literatura infantil, quando bem trabalhada, tem na vida das crianças, o que não é diferente com os contos de fadas, que cada vez mais buscam desconstruir alguns padrões e contribuir ainda mais para um diálogo direto e completo com o leitor infantil.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria e análise didática. São Paulo: Moderna, 2000.

\_\_\_\_\_. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

FILHO, José Nicolau Gregolin. **Literatura infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. São Paulo: Ática, 1988.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1992.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1984.

YOUNG, Jo; SAN, Jan. **O menino que se alimentava de pesadelos**. Rio de Janeiro: Intrínseca: 2021.

ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, L. Cademartori. **Literatura infantil**: autoritarismo e emancipação. São Paulo: Ática, 1982.